

## DOMINGO XXIV DO TEMPO COMUM

### CIC 218-221: Deus é amor

- 218** No decorrer da sua história, Israel pôde descobrir que Deus só tinha uma razão para Se lhe ter revelado e o ter escolhido, de entre todos os povos, para ser o seu povo: o seu amor gratuito<sup>1</sup>. E Israel compreendeu, graças aos seus profetas, que foi também por amor que Deus não deixou de o salvar<sup>2</sup> e de lhe perdoar a sua infidelidade e os seus pecados<sup>3</sup>.
- 219** O amor de Deus para com Israel é comparado ao amor dum pai para com o seu filho<sup>4</sup>. Este amor é mais forte que o de uma mãe para com os seus filhos<sup>5</sup>. Deus ama o seu povo, mais que um esposo a sua bem-amada<sup>6</sup>; este amor vencerá mesmo as piores infidelidades<sup>7</sup>; e chegará ao mais precioso de todos os dons: «Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe entregou o seu Filho Único» (*Jo* 3, 16).
- 220** O amor de Deus é «eterno» (*Is* 54, 8): «Ainda que as montanhas se desloquem e vacilem as colinas, o meu amor não te abandonará» (*Is* 54, 10). «Amei-te com amor eterno; por isso, guardei o meu favor para contigo» (*Jr* 31, 3).
- 221** São João irá ainda mais longe, ao afirmar: «Deus é Amor» (*1 Jo* 4, 8, 16): a própria essência de Deus é Amor. Ao enviar, na plenitude dos tempos, o seu Filho único e o Espírito de Amor, Deus revela o seu segredo mais íntimo<sup>8</sup>: Ele próprio é eternamente permuta de amor: Pai, Filho e Espírito Santo; e destinou-nos a tomar parte nessa comunhão.

### CIC 294: Deus manifesta a sua glória através da sua bondade

- 294** A glória de Deus está em que se realize esta manifestação e esta comunicação da sua bondade, em ordem às quais o mundo foi criado. Fazer de nós «filhos adoptivos por Jesus Cristo. Assim aprouve à sua vontade, *para que fosse enaltecida a glória da sua graça*» (*Ef* 1, 5-6): «Porque a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus; se a revelação de Deus pela criação já proporcionou a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais

<sup>1</sup> Cf. *Dt* 4, 37; 7, 8; 10, 15.

<sup>2</sup> Cf. *Is* 43, 1-7.

<sup>3</sup> Cf. *Os* 2.

<sup>4</sup> Cf. *Os* 11, 1.

<sup>5</sup> Cf. *Is* 49, 14-15.

<sup>6</sup> Cf. *Is* 62, 4-5.

<sup>7</sup> Cf. *Ez* 16; *Os* 11.

<sup>8</sup> Cf. *1 Cor* 2, 7-16; *Ef* 3, 9-12.

a manifestação do Pai pelo Verbo proporciona a vida aos que vêm a Deus!»<sup>9</sup>. O fim último da criação é que Deus Pai, «criador de todos os seres, venha finalmente a ser *'tudo em todos'* (1 Cor 15, 28), provendo, ao mesmo tempo, à sua glória e à nossa felicidade»<sup>10</sup>.

#### **CIC 2838-2845: “Perdoai as nossas ofensas”**

**2838** Esta petição é surpreendente. Se comportasse somente o primeiro membro da frase – «Perdoai-nos as nossas ofensas» – poderia estar incluída implicitamente nas três primeiras petições da oração do Senhor, pois que o sacrifício de Cristo é «para a remissão dos pecados». Mas, de acordo com o segundo membro da frase, a nossa petição não será atendida sem que primeiro tenhamos satisfeito uma exigência. É uma petição voltada para o futuro e a nossa resposta deve tê-la precedido; liga-as uma expressão: «assim como».

**2839** Começamos a orar ao nosso Pai com um sentimento de audaciosa confiança. Suplicando-Lhe que o seu nome seja santificado, pedimos-Lhe para sermos cada vez mais santificados. Mas, apesar de revestidos da veste baptismal, não deixamos de pecar, de nos desviar de Deus. Agora, nesta nova petição, voltamos para Ele, como o filho pródigo<sup>11</sup>, e reconhecemo-nos pecadores na sua presença, como o publicano<sup>12</sup>. A nossa petição começa por uma «confissão» na qual, ao mesmo tempo, confessamos a nossa miséria e a sua misericórdia. A nossa esperança é firme, pois que em seu Filho «nós temos a redenção, a remissão dos nossos pecados» (Cl 1, 14)<sup>13</sup>. E encontramos nos sacramentos da sua Igreja o sinal eficaz e indubitável do seu perdão<sup>14</sup>.

**2840** Ora, e isso é temível, esta onda de misericórdia não pode penetrar nos nossos corações enquanto não tivermos perdoado àqueles que nos ofenderam. O amor, como o corpo de Cristo, é indivisível: nós não podemos amar a Deus, a quem não vemos, se não amarmos o irmão ou a irmã, que vemos<sup>15</sup>. Recusando perdoar aos nossos irmãos ou irmãs, o nosso coração fecha-se, a sua dureza torna-o impermeável ao amor misericordioso do Pai. Na confissão do nosso pecado, o nosso coração abre-se à sua graça.

**2841** Esta petição é tão importante que é a única na qual o Senhor volta a insistir, desenvolvendo-a no sermão da montanha<sup>16</sup>. Esta exigência crucial do mistério da Aliança é impossível para o homem. Mas «a Deus tudo é possível» (Mt 19, 26).

**2842** Este «como» não é único no ensinamento de Jesus. «Sede perfeitos *como* o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5, 48); «sede misericordiosos *como* o vosso

<sup>9</sup> SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses* 4, 20, 7: SC 100, 648 (PG 7, 1037).

<sup>10</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 2: AAS 58 (1966) 948.

<sup>11</sup> Cf. Lc 15, 11-32.

<sup>12</sup> Cf. Lc 18, 13.

<sup>13</sup> Cf. Ef 1, 7.

<sup>14</sup> Cf. Mt 26, 28; Jo 20, 23.

<sup>15</sup> Cf. 1 Jo 4, 20.

<sup>16</sup> Cf. Mt 5, 23-34; 6, 14-15; Mc 11, 25.

Pai é misericordioso» (*Lc* 6, 36); «dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros *como* Eu vos amei» (*Jo* 13, 34). Observar o mandamento do Senhor é impossível, quando se trata de imitar, do exterior, o modelo divino. Trata-se duma participação vital, vinda «do fundo do coração», na santidade, na misericórdia e no amor do nosso Deus. Só o Espírito, que é «nossa vida» (*Gl* 5, 25), pode fazer «nossos» os mesmos sentimentos que existiram em Cristo Jesus<sup>17</sup>. Então, a unidade do perdão torna-se possível, «perdoando-nos mutuamente *como* Deus nos perdoou em Cristo» (*Ef* 4, 32).

**2843** Assim ganham vida as palavras do Senhor sobre o perdão, sobre este amor que ama até ao extremo do amor<sup>18</sup>. A parábola do servo desapiadado, que conclui o ensinamento do Senhor sobre a comunhão eclesial<sup>19</sup>, termina com estas palavras: «Assim procederá convosco o meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do fundo do coração». É aí, de facto, «no fundo do *coração*», que tudo se ata e desata. Não está no nosso poder deixar de sentir e esquecer a ofensa; mas o coração que se entrega ao Espírito Santo muda a ferida em compaixão e purifica a memória, transformando a ofensa em intercessão.

**2844** A oração cristã vai até ao *perdão dos inimigos*<sup>20</sup>. Transfigura o discípulo, configurando-o com o seu Mestre. O perdão é o cume da oração cristã; o dom da oração só pode ser recebido num coração em sintonia com a compaixão divina. O perdão testemunha também que, no nosso mundo, o amor é mais forte que o pecado. Os mártires de ontem e de hoje dão este testemunho de Jesus. O perdão é a condição fundamental da reconciliação<sup>21</sup> dos filhos de Deus com o seu Pai e dos homens entre si<sup>22</sup>.

**2845** Não há limite nem medida para este perdão essencialmente divino<sup>23</sup>. Quando se trata de ofensas (de «pecados», segundo *Lc* 11, 4, ou de «dívidas» segundo *Mt* 6, 12), de facto nós somos sempre devedores: «Não devais a ninguém coisa alguma, a não ser o amor de uns para com os outros» (*Rm* 13, 8)). A comunhão da Santíssima Trindade é a fonte e o critério da verdade de toda a relação<sup>24</sup>. E é vivida na oração, sobretudo na Eucaristia<sup>25</sup>:

«Deus não aceita o sacrifício do dissidente e manda-o retirar-se do altar e reconciliar-se primeiro com o irmão: só com orações pacíficas se podem fazer as pazes com Deus. O maior sacrifício para Deus é a nossa paz, a concórdia fraterna e um povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo»<sup>26</sup>.

<sup>17</sup> Cf. *Fl* 2, 1.5.

<sup>18</sup> Cf. *Jo* 13, 1.

<sup>19</sup> Cf. *Mt* 18, 23-35.

<sup>20</sup> Cf. *Mt* 5, 43-44.

<sup>21</sup> Cf. *2 Cor* 5, 18-21.

<sup>22</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Dives in misericordia*, 14: AAS 72 (1980) 1221-1228.

<sup>23</sup> Cf. *Mt* 18, 21-22; *Lc* 17, 3-4.

<sup>24</sup> Cf. *1 Jo* 3, 19-24.

<sup>25</sup> Cf. *Mt* 5, 23-24.

<sup>26</sup> SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 23: CCL 3A, 105 (PL 4, 535-536).